

# A educação caiu na rede

*A gestão estratégica das empresas já navega pelo ensino a distância. No ano passado, 1,5 milhão de pessoas participaram de pelo menos um treinamento ou curso de formação não-presencial*

Um dos maiores bancos do país conseguiu economizar mais de R\$ 150 milhões de reais num período de cinco anos e ainda melhorar a qualidade do serviço prestado ao cliente. Por trás do excelente resultado, nenhuma

tática mirabolante de contenção. Bastou mostrar aos funcionários de suas três mil agências como utilizar o computador para aprender. Ao substituir o programa permanente de palestras e convenções presenciais pelo e-learning, a instituição

financeira conseguiu treinar todos os colaboradores em quatro meses, com investimento de R\$ 5 milhões. Se continuasse a insistir no antigo modelo, o processo consumiria R\$ 160 milhões, e levaria meia década para ser concluído.



A história, verídica, é ilustrativa de como a educação a distância (EAD) "invadiu" o ambiente corporativo e tornou-se um mecanismo imprescindível de gestão. Empresas que já adotam o sistema entenderam que ampliar o nível de conhecimento de seus funcionários é um bom caminho para melhorar a produtividade e a qualidade dos negócios.

Os cursos a distância de treinamento e formação para o trabalho envolveram cerca de 1,5 milhão de pessoas em 2008, em empresas dos mais variados portes e segmentos. Os dados fazem parte do anuário elaborado pela Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância) e pelo MEC (Ministério da Educação), que será divulgado oficialmente em setembro.

Em entrevista à RAP, o presidente da Abed, Fredric Michael Litto, antecipou os números do censo que revela o importante papel desempenhado pela educa-

ção corporativa na disseminação e consolidação do modelo.

Funcionários e aprendizes são maioria entre os alunos que estudaram a distância no ano passado, e representam 40% do total de 3,5 milhões de adeptos ao sistema. Cerca de 30%, um milhão de pessoas, estavam matriculados em cursos a distância autorizados pelo ministério, como ensino fundamental, médio, técnico, graduação e pós-graduação. E outros 30% aderiram aos módulos livres, que não fornecem diploma.

"Os cursos de capacitação e reciclagem profissional oferecem um conteúdo que interessa às empresas, mas também introduzem o funcionário num novo contexto de aprendizado, que exige iniciativa e automotivação. E o trabalhador acaba sendo preparado para a educação do futuro", sustenta Litto.

São grandes as chances de um colaborador, depois de familiarizado

com as ferramentas de ensino não-presencial como sites interativos, CD-Rom, teleaulas, vir a usá-las novamente para obter conhecimentos que vão além das necessidades exigidas pela empresa. Na opinião de Litto, a possibilidade de aprender sem sair de casa ou do escritório transforma toda a população economicamente ativa em possíveis estudantes.

"O trabalho braçal, importante no passado, não é mais tão valorizado. E, atualmente, a exigência do mercado está cada vez maior. Não basta fazer um curso de graduação, é preciso se atualizar sempre. Não tenho dúvidas de que a forma de aprendizado mais viável será os cursos a distância. É um processo irreversível e sem limites", define.

A necessidade de apresentar alternativas ao estudo presencial estimulou universidades a apostarem nos cursos via Internet. Criou-se um círculo virtuoso, em



“ Os cursos de capacitação e reciclagem introduzem o trabalhador num novo contexto de aprendizado, que exige iniciativa e automotivação.

*Fredric Michael Litto,*  
presidente da Abed

que a procura favorece a abertura de cursos, e a nova modalidade desperta o interesse de alunos, boa parte deles até então excluídos do sistema educacional. Uma roda vida que induz mudanças no mercado educacional e também nos critérios de recrutamento e avaliação profissional.

Segundo o MEC, o número de matrículas em cursos de graduação e pós-graduação aumentou 356% em apenas três anos. Em 2004, eram 159.366 estudantes em EAD. Já em 2007 eram 727.657 alunos, sendo 396.766 graduandos e 330.891 em especializações. Quanto ao perfil dos adeptos, em média são mais velhos, têm filhos e trabalham para sustentar a família. Ou seja: são mais excluídos economicamente e mais ocupados na comparação com o alunado que

freqüenta o ensino presencial.

"A expansão da EAD é uma questão estratégica. É a única maneira de diminuir o nosso abismo educacional. O Brasil é um país que valoriza os bacharéis, os doutores. As demais profissões são tratadas como segunda classe. Precisamos incentivar cada vez mais o modelo não-presencial, como também os cursos de curta duração. É necessário lançar as bases de um ensino de massas", sustenta o conselheiro do CRA-SP Carlos Monteiro, que atua como consultor de desenvolvimento em instituições de ensino.

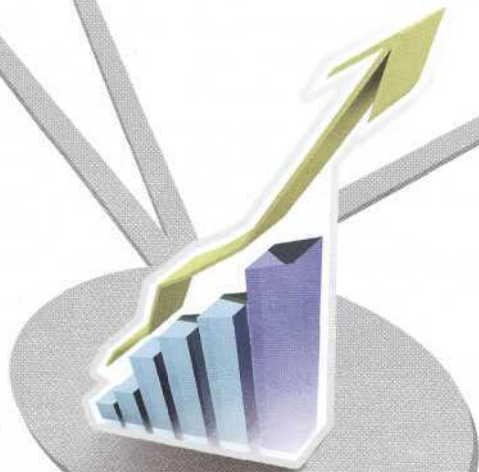
Monteiro apresenta mais dados do MEC que revelam a dimensão do déficit no nível de instrução no País. Apenas 12% da população com idade entre 18 e 24 anos estão na graduação. "A meta do Plano Nacional de Educação é alcançar 30%, até 2010. O modelo tradicional jamais dará conta dessa demanda", avalia. Além disso, o tempo de escolaridade dos brasileiros está bem distante do

razoável. Em média, a população economicamente ativa tem menos de quatro anos de estudo. Para se ter uma idéia, na Argentina, o número sobe para oito anos e meio. "Não só precisamos de mais gente estudando, como de gente estudando por mais tempo", analisa.

A possibilidade de se conectar a qualquer sala de aula do mundo apenas ligando o computador despertou um debate adormecido nos porões acadêmicos, sobre a democratização do acesso ao conhecimento. Em 2001, uma iniciativa encabeçada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) colocou em prática a filosofia da educação sem barreiras - físicas ou econômicas. Com a adesão de mais de 100 universidades de



**Stavros Xanthopoulos,**  
diretor-executivo  
da FGV Online



“ A educação a distância vai estimular e até pressionar que mais instituições coloquem conteúdos gratuitamente na Internet



renome, como Escola de Direito de Harvard e Universidade de Yale, foi criado o OCWC (Open Course Ware Consortium), uma rede de educação compartilhada que oferece material didático de graça pela internet.

A Fundação Getúlio Vargas é a primeira instituição de ensino e pesquisa do Brasil a integrar o consórcio que segue o mesmo conceito dos softwares de código aberto, aderindo à livre difusão do patrimônio intelectual. O programa EAD da FGV Online tornou disponível quatro cursos de atualização, com módulos de 15 horas de duração, em julho de 2008. Em junho, antes de completar um ano de armazenagem no site do OCWC, o conteúdo já havia registrado 500 mil acessos.

"A educação a distância vai estimular e até pressionar que mais instituições coloquem conteúdos gratuitamente na Internet. Um aluno que já desenvolveu a disciplina necessária para estudar de maneira não-convencional e tiver conhecimentos em inglês poderá participar de cursos de altíssima qualidade. A liberdade de acesso é um processo que não volta atrás. E impossível retroceder", avalia o diretor executivo do FGV Online, Stavros Xanthopoulos.

De acordo com o diretor, o programa já concedeu certificação a 100 mil alunos que cursaram os módulos livres. Diante do grande número de adesões, a FGV estuda incluir novos cursos na lista livre. "O fato de oferecermos a gratuidade em nada diminui nosso público pagante. Hoje, cerca de 30 mil alunos contratam nossos cursos de especialização a distância, por ano", garante.

## Qualidade em xeque

A explosão da EAD no país

levanta debates sobre a qualidade do ensino oferecido. As altas taxas de evasão e inadimplência - maiores que nos cursos presenciais - ainda preocupam e arranham a credibilidade do modelo.

O professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da USP Hamilton Luiz Corrêa acredita que é preciso lançar um olhar crítico sobre a massificação do modelo. "Estamos acompanhando de perto a evolução do sistema. Temos que assegurar a qualidade da formação ou corremos o risco de colocar profissionais mal preparados, que podem desqualificar a função do administrador", afirma.

Corrêa, que também é conse-

**" Educar a distância exige interatividade. Não basta pegar o conteúdo de uma aula presencial e torná-lo disponível na Internet. O aluno precisa ser surpreendido, desafiado**

lheiro do CRA-SP, explica que a USP, um dos principais centros de excelência do país, ainda é cautelosa quanto à adoção dos cursos a distância. "Ainda há uma série de dúvidas. Não estamos convencidos de que o método é suficientemente maduro para poder ser aplicado sem prejuízo ao aprendizado", diz.

A desconfiança também é compartilhada por estudantes, principalmente os mais jovens. A aluna do curso de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares Viviane Próspero, 24 anos, acredita

que o modelo tradicional possibilita um aproveitamento melhor. "Não cogitei fazer a distância. Não me sinto segura, acho que faltariam instruções e não conseguiria tirar minhas dúvidas."

Já a arquiteta Célia Carvalho, 53 anos, optou pelo MBA em Administração de Empresas a distância. Ela conta que tinha necessidade de aprimorar os estudos, mas não conseguia conciliar aulas presenciais com os compromissos diários. "Fiquei surpresa com a exigência do curso. Entregava relatórios seguidos e também era avaliada pela participação nos fóruns de debates", conta. Ela diz que os colegas participavam bastante das atividades, e que os professores-tutores estavam sempre disponíveis.

Defensor da EAD, Monteiro reconhece que são poucas as faculdades aptas a operar o modelo. "Os investimentos iniciais são altos. Via de regra, as universidades referência no ensino presencial também oferecem EAD de qualidade." Para atender às necessidades do mercado, muitas instituições acabaram incluindo a modalidade em seus currículos, sem possuírem ferramentas adequadas para transmitir o conhecimento. "Educar a distância exige interatividade. Não basta pegar o conteúdo de uma aula presencial e torná-lo disponível na Internet. O aluno precisa ser surpreendido, desafiado. E muitos cursos ainda não entenderam a regra", opina.

Em agosto, o Conselho Federal de Administração deve ampliar a fiscalização dos cursos de graduação na área. A assinatura de um termo de colaboração com o MEC vai permitir que o órgão emita pareceres sobre a abertura de novos cursos,

sejam presenciais ou a distância. Desde 2006, baseado no Decreto 5773, o Conselho elabora relatórios sobre os cursos já credenciados e que precisam ser reconhecidos pelo Ministério para emitir diploma aos formandos. O CFA não tem poder de veto. No entanto, pretende tornar públicas as avaliações sobre as instituições de ensino, para que professores e alunos tenham ciência das condições oferecidas.

## A Administração e a EAD

Apesar das críticas, um levantamento elaborado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) dá sinais positivos sobre o desempenho em métodos não-convencionais de aprendizado. No Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), prova usada pelo MEC para medir o rendimento dos graduandos de

todo o país, os alunos de EAD obtiveram notas melhores que os de cursos presenciais em sete das 13 áreas analisadas, dentre as quais a Administração (veja quadro completo na página 23).

Ao todo, dos 1.181 cursos em EAD credenciados pelo Ministério, cerca de 22% são da área de Administração e Gestão, ou seja, um em cada cinco. Quando analisada somente a oferta em lato sensu e MBAs, a proporção é ainda maior: um em cada três.

As amplas possibilidades de formação continuada transformaram os administradores num dos principais consumidores do ensino não-presencial, como alunos e como gestores. A professora-doutora da FIA (Fundação Instituto de Administração) e doutora em educação a distância Liliana Vasconcelos diz que

o modelo está intimamente ligado a uma das principais competências do administrador: a capacidade de aprender rapidamente.

Em sua tese de mestrado, Liliana mediu a contribuição do *e-learning* para o desenvolvimento dessa habilidade. E concluiu que estudar pela Internet tem papel decisivo no processo. "A velocidade de inovação impõe que o administrador seja igualmente ágil na busca por novos conhecimentos para atender o nível de exigência das empresas, que aumentou muito. O executivo que não incorpora os estudos online no seu dia-a-dia estará sempre em desvantagem."

De acordo com os resultados da pesquisa, profissionais que utilizaram o *e-learning* afirmaram que o método estimulou a auto-aprendizagem, capacidade de administrar ambientes virtuais de trabalho, a participação em discussões e a troca de experiências via Internet.

Além disso, um administrador que entende a EAD como ferramenta imprescindível para obter e renovar conhecimentos pode fomentar o treinamento de funcionários a distância. A postura do gestor que valoriza a aprendizagem pode ajudar na superação de um conceito ultrapassado em muitas empresas, de que a formação não melhora os negócios.

*Liliana Vasconcelos,*  
professora-doutora da FIA

“ O *e-learning* não anda sozinho. Se o gestor não se dedicar à manutenção, oferecendo novos cursos e desafios, a prática se esgota

*Fernando Carvalho Cardoso,*  
sócio-diretor da Integração  
Escola de Negócios



Em outra pesquisa, dessa vez para sua tese de doutorado, a professora da FIA identificou os gargalos da implementação do ensino corporativo numa companhia de 300 funcionários. A empresa já colocava os cursos à disposição dos colaboradores, mas a adesão era pequena. Muitos não conseguiam participar em virtude da sobrecarga de atividades, ou porque se sentiam constrangidos de se dedicar aos estudos enquanto outros colegas trabalhavam.

"Antes de se implementar a EAD no ambiente corporativo é preciso estudar uma série de variáveis, que vão desde a facilidade de uso à metodologia adequada, passando pela adequação do projeto às necessidades reais da empresa e a criação de uma rede de facilitadores, que possam tirar as dúvidas dos funcionários sobre o sistema", define.

### Presencial ou a distância? Os dois

Criar as bases para implementação do ensino a distância no ambiente corporativo é apenas o primeiro desafio. Uma vez em andamento, o processo de aprendizagem não pode ser interrompido, porque isso significa desperdiçar recursos

A velocidade de inovação impõe que o administrador seja igualmente ágil na busca por novos conhecimentos para atender o nível de exigência das empresas, que aumentou muito

financeiros e humanos. "Manter o projeto é o grande xis da questão. O *e-learning* não anda sozinho. Se o gestor não se dedicar à manutenção, oferecendo novos cursos e lançando desafios, a prática se esgota. O estímulo deve ser constante", sustenta o especialista em *e-learning* Fernando Carvalho Cardoso, sócio-diretor da Integração Escola de Negócios.

Cardoso cita o exemplo de uma construtora que colocou 15 cursos à disposição dos funcionários e deixou que escolhessem livremente quais gostariam de participar. No primeiro ano, 76% de todo o efetivo fez pelo menos um módulo. Depois disso, a adesão caiu a zero. "Faltou gerenciamento", explica.

Uma das formas de sustentar a qualificação continuada é combinar ensino a distância e presencial. O especialista afirma que as duas modalidades se complementam e devem fazer parte da rotina de quem trabalha com educação corporativa. "O grande viés a ser superado é esse. Um modelo não pode excluir o outro. É preciso lançar mão dos dois. O *e-learning* é uma ferramenta auxiliar que funciona muito bem como extensão da sala de aula convencional. Mas não a substitui."

Para Cardoso, o Brasil vive a segunda grande onda do aprendizado eletrônico. Nos últimos 12 anos, o recurso mais aplicado era o modelo em que professor e aluno nunca se encontravam no ambiente virtual -os cursos eram oferecidos via CD-Rom ou pela internet,

### Desempenho de alunos presenciais e de EAD no Enade

1-Administração	37,71	37,99
2-Biologia	32,67	32,79
3-Ciências Contábeis	34,97	32,59
4-Ciências Sociais	41,16	52,87
5-Filosofia	32,50	30,36
6-Física	32,50	39,62
7-Formação de Professores	42,82	41,52
8-Geografia	39,04	32,58
9-História	38,47	31,60
10-Letras	35,71	33,05
11-Matemática	31,68	34,16
12-Pedagogia	43,35	46,09
13-Turismo	46,34	52,26

com textos e vídeos postados em sites. Hoje, as webconferências ao vivo ganham espaço e podem viabilizar o acesso das pequenas empresas à EAD, já que não requer investimento inicial pequeno. "O aluno pode interagir, enviar perguntas em tempo real. Alguns professores já utilizam o *Skype* para dar aula."

Em breve, além de aprendizes, os próprios funcionários serão os produtores de conhecimento, já habituados ao uso da internet como meio de reciclagem intelectual. "Será a vez do *YouTube* corporativo, com os colaboradores criando vídeos para disseminar as técnicas e os procedimentos da empresa e dividir experiências que deram certo. Também haverá uma espécie de *'Wikipedia for e-learning'*, enciclopédia livre abastecida por pessoas de diversos segmentos, da indústria ao setor de serviços", prevê o especialista. Se você ainda não se conectou, é bom correr. Ou ficará sozinho na caverna.